

RESENHA

Comerford, J.; Carneiro, A.; Ayoub, D.; Dainese, G. (Orgs.). *Casa, Corpo, Terra, Violência: abordagens etnográficas*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2022.
364 P.

*Por uma Antropologia das casas e dos territórios:
uma etnografia coletiva*

Luan Gomes dos Santos de Oliveira

Doutor em Educação, Docente da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

E-mail: luan.gomes@professor.ufcg.edu.br

Áltera, João Pessoa, **Número 19**, 2025, e01914, p. 1-5

ISSN 2447- 9837



A obra “Casa, Corpo, Terra, Violência: Abordagens etnográficas” pode ser compreendida como uma etnografia coletiva, produzida por um conjunto de pesquisadores e pesquisadoras das Ciências Sociais e Humanidades advindos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (PPGAS/MN/UFRJ). Trata-se de um texto inédito, interdisciplinar que prende o olhar do leitor por sua força política, epistemológica, poética e ética em tons agonísticos.

As pesquisas apresentadas em capítulos neste livro se situam no campo da antropologia das sociedades camponesas, trazendo um categorial analítico que parte dos estudos do campesinato numa perspectiva contemporânea e antropológica, sublinhando temas como a casa, o corpo, a família, o morar, gênero e sexualidades, vizinhanças, conflitos em torno da terra, do trabalho, tendo como base epistemológica a antropologia da política.

Cabe ressaltar que de forma inédita, se tematizou a dimensão do corpo, pouco aprofundado nos estudos do campesinato, o que o complementa e o ultrapassa com novas abordagens etnográficas, capazes de promoverem um giro epistêmico, trazendo para o centro do livro as políticas da terra, desde uma perspectiva política do território, como também em uma dimensão subjetiva, do corpo enquanto território. Isso pode ser melhor compreendido, quando os organizadores desdobram essa ideia de novas abordagens etnográficas a partir de casas, “[...] são etnografias atentas a esse lugar que é ponto de partida e de chegada de interlocutoras e interlocutores tanto quanto de antropólogos e antropólogas que com eles buscam se encontrar” (Comerford et al, 2022,p. 11).

Algo que chama a atenção quando se adentra em suas páginas é uma paisagem imaginativa e sensorial das casas presentes nos diversos textos apresentados. Essa casa vai desde um local de criação de parentes, famílias, ponto de encontro para refeições, ponto de reconciliação e de rupturas, local de vida e de morte, de conflitos que se agonizam em torno da terra. Mas também se pode acrescentar o modo como as comidas são preparadas, os modos de falar, as circulações comunitárias de animais, comidas, alimentos, festas, políticas, entremeados pelas questões de gênero e geração. Trazendo uma relação antes nunca vista, entre o doméstico e a política, aproximando o espaço da casa, do espaço dos movimentos sociais, das lutas pela terra.

A casa não se apresenta na obra como uma entidade fixa, ao contrário, se insere em uma dinâmica de mobilidade onde circulam pessoas, acordos políticos, famílias, que podem estar enlaçadas por interesses diversos, desde a questão sanguínea, a questão do laço de vizinhança, típico da cultura camponesa.



Cada trabalho que constitui esta coletânea traz a casa como uma relação necessária para se produzir símbolos, desde Jorge Luan Teixeira, com seu texto sobre os sertanejos cearenses, sublinhando as casas longe de uma imagem de fixação. De forma distinta e complementar André Duman Guedes em seu texto, traz a casa como formas provisórias de existências, expressando simbolicamente um plano de significados que vai desde concepções singulares de casas, modos de habitar, de fazer gênero, e como isso implica na posição de um pesquisador que se aproxima da casa de mulheres. O texto de Luana Braga Batista, se põe como um desafio para a pesquisadora que se posiciona em seu texto como antropóloga e neta, em que a leitura de seu material etnográfico emite uma compreensão de que não há como separá-la do fenômeno estudado. Ainda da leitura do seu capítulo não se pode manter neutralidade e nem distanciamento, se implicando no conhecimento etnográfico que produz, algo raro nas etnografias, pondo em relevo as subjetividades de toda ordem. Desde a escuta das lições de uma revolução da terra narrada por seu avô Durreis, liderança sindical, histórias sobre as casas e queima dessas, em períodos políticos de Estado de exceção. A autora ainda argumenta que são as histórias e memórias das lutas que aquecem a continuidade das lutas dos trabalhadores por terra.

Assim, “as casas são abordadas como focos centrais na feitura dos territórios ou da territorialidade, para além de sua dimensão “econômica”. Os trabalhos contidos nesta obra apontam para entrelaçamentos de lutas que se relacionam às árvores, caminhos, roças, fontes de água, cercas, animais e relações de parentesco e comunidade, atravessadas por formas de reciprocidade e pertencimento, movidas pela ótica contra Estado.

O texto de Renata Lacerda, situa o debate de expressões cotidianas de violência que acometem os assentados do Sudoeste do Pará, ressaltando o conflito em torno da permanência dos assentados pela lógica de disciplinarização do Instituto Nacional de Reforma Agrária – Incra. Essa pesquisa realça a relevância de contar as histórias de violência, como um ato político em defesa da terra como direito humano. Além desse texto, forma o campo dos conflitos e violências, as pesquisas de Marcella Centelhas, Natalia Carvalhosa, Luana Batista, Dibe Ayoub e Ana Carneiro.

Esse conjunto de trabalhos parte de um ponto em comum, as discussões em torno da violência e conflitos no campo no Brasil. Também são conduzidas pelo contexto do modo de vida dos sujeitos que lutam pela terra, pelo acesso às políticas públicas, marcadas por sentimentos que vão da humilhação ao sofrimento. Vale ressaltar que os trabalhos compartilham a ideia de agonismo, em “que a noção de



“sociabilidade agonística” traz para os estudos sobre os conflitos está justamente em sua ênfase na ética da vida social, nas políticas e poéticas do respeito que orientam as ações e relações” (Comerford et al, 2022, p. 18).

Em meio as lutas pela terra, compartilham uma ética da terra, desde dádivas, ajudas, orações para fechar o corpo, o trabalho coletivo, as práticas coletivas de comensalidade. Porém, essas comunidades que se formam em torno da luta pela terra, também sofrem tensão frente a atores sociais como empresas, fazendeiros, grileiros, que se colocam na produção da propriedade terra. Entretanto, a terra nos trabalhos dos pesquisadores assume um valor ético, compreendida, “enquanto expressão de modos de existir e de habitar o mundo, é constituída por diferentes usos e apropriações, os quais são generificados” (Comerford et al, 2022, p. 22).

Esse magnífico texto traz abordagens etnográficas que além de situar a perspectiva sociohistórica do trabalho, que produz socialidade, traçando um diálogo entre um categorial analítico, desde corpos, gênero e política. O debate sobre a casa ultrapassa a ideia conservadora associada às mulheres, e se coloca como um espaço de intimidade e de vivência cotidiana das linguagens.

Do ponto de vista metodológico, esta coletânea inova, sem desrespeitar os clássicos dos estudos camponeses, mas ultrapassando-os e integrando-os. As autoras se debruçam em descrever as histórias de mulheres camponesas, que protagonizam episódios de lutas e de manutenção de saberes e curas, em seus territórios. A perspectiva etnográfica adotada da etnografia do particular (Abu-Lughod, 2018), traz para o centro o debate feminista, no que se refere à produção do conhecimento pelas mulheres (Haraway, 1995).

Acrescentaria a este livro um capítulo sobre ecologia política e comunidades tradicionais, acionando toda a produção em torno do contra-Estado, do contra-Desenvolvimento, expressa no modo de viver de algumas etnias, que também colaboram com o fazer Estado. Em meio a vida cotidiana se reinventam, adotando estratégias de luta que vão desde o enfrentamento de conflitos e violências de todo tipo, à resistência com suas cosmovisões. Portanto, a leitura dessa obra é urgente em tempos de injustiça epistêmica nas ciências sociais e humanas, e que de forma particular a antropologia continue a escutar os que são silenciados na grande produção teórica canônica.



REFERÊNCIAS

ABU-LUGHOD, Lila. A escrita contra a cultura. **Equatorial**, Natal, v. 5, n. 8, p. 211-236, jan./jun. 2018.

COMERFORD, J.; CARNEIRO, A.; AYOUB, D.; DAINESE, G. (Orgs.). Casa, Corpo, Terra, Violência: abordagens etnográficas. Rio de Janeiro: 7Letras, 2022. 364 P.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, n. 5, p. 7-41, 1995.

